

Jornalismo televisivo, noticiário policial e usos de fontes: Achados da Argentina

Television journalism, crime news and sourcing practices: Findings from Argentina

MERCEDES CALZADO^a

Universidad de Buenos Aires, Instituto de Investigaciones Gino Germani/CONICET. Cidade de Buenos Aires, Argentina

VANESA LIO^b

Universidad Nacional de La Plata, Instituto de Investigaciones em Humanidades e Ciências Sociais/CONICET. La Plata – BA, Argentina

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de um projeto de pesquisa sobre os novos modos de produção de notícias policiais na televisão. A investigação envolveu o monitoramento de telejornais dos cinco principais canais da cidade de Buenos Aires e entrevistas com profissionais da notícia. Analisamos o conteúdo das matérias, as formas de narrar e enunciar as notícias policiais na televisão, o papel da polícia na estrutura das notícias, o surgimento de novas fontes de informação e as rotinas de produção das notícias policiais. Nossos achados sugerem que a maioria dos noticiários na televisão dá destaque às notícias sobre crimes em suas agendas e que sua produção e apresentação mudaram com a disseminação das tecnologias digitais como fontes de informação.

Palavras-chave: Notícias policiais, mídia, televisão, telejornais, Argentina

^aDoutora em Ciências Sociais, pesquisadora do CONICET (Conselho Nacional de Pesquisa Argentina). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0211-6480>. E-mail: calzadom@gmail.com

^bDoutora em Ciências Sociais (Universidad de Buenos Aires, Argentina), pesquisadora do CONICET (Conselho Nacional de Pesquisa Argentina). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4391-3729>. E-mail: vanesa.lio@gmail.com

ABSTRACT

This paper presents the results of a research project on the new modes of production of television crime news. The enquiry involved monitoring television newscasts of the five major channels in Buenos Aires City and interviews with news workers. We analyze the news content, the ways of narrating and enunciating crime news on television, the role played by the police in the structure of the news, the emergence of new sources of information and the production routines of crime news. Our findings suggest that most of the newscasts on television give prominence to crime news within their agendas and that its production and presentation has changed as the result of the spread of digital technologies as sources of information.

Keywords: Crime news, media, television, newscast, Argentina

INTRODUÇÃO

DESDE MEADOS DA DÉCADA DE 1990, na Argentina, o tema da criminalidade e da segurança pública se tornou uma questão política, econômica, sociocultural e de mídia. O número de crimes nas ruas dobrou nesse momento, e os dados não mostram nenhuma redução significativa até os dias atuais (Kosovsky, 2007; Ministerio de Seguridad de la Nación, 2019). De acordo com o Ministério da Justiça da Argentina, a taxa da criminalidade contra pessoas em 1991 era de 994 por 100 mil habitantes; em 1999, 1.799; em 2003, 2.362, e em 2015, 1.999. O crescimento do crime, evidenciado pelo aumento das taxas de criminalidade, passou a fazer parte da agenda de debate público desde esse momento, atingindo um pico entre 2002 e 2003. Após 2004, as taxas de criminalidade começaram a diminuir, sem chegar a atingir níveis semelhantes aos do início da década de 1990. De acordo com o Ministério de Segurança da Argentina (Ministerio de Seguridad de la Nación, 2019), a taxa de homicídios em 1999 foi de 7,48 para cada 100 mil habitantes; em 2003, 1,93; e em 2018, 5,3, o que significa que as taxas argentinas permanecem as segundas mais baixas da América Latina, depois do Chile. No entanto, parece que o pequeno número de crimes de rua causa ansiedade pública sobre o risco de possível vitimização individual. Segundo dados oficiais, 85,1% da população argentina considera que a falta de segurança pública é um problema de dimensões “substanciais ou muito graves” (INDEC, 2018). A profunda distância entre as taxas de criminalidade e a sensação de vulnerabilidade ao crime provoca uma preocupação constante no público (Kessler, 2009).

O crime ganhou cada vez mais espaço em diferentes mídias (Martini & Pereira, 2009) sendo visto como uma das questões mais importantes para a população (Kessler, 2009), à medida que o sensacionalismo e o melodrama se tornaram elementos centrais do discurso jornalístico argentino (Ford, 1994; Sunkel, 1985). Esses tipos de narrativas midiáticas expressam-se de forma simbólica, dramática, reificando o outro como diferente, bárbaro e perigoso (Martín Barbero, 1987). Essas formas de enquadrar o crime e a delinquência têm sido usadas até os dias de hoje, de fato, as transmissões de televisão e rádio da cidade de Buenos Aires priorizam as notícias policiais acima das informações gerais, política e esporte, conforme revelado pela Ouvidoria de Comunicação Audiovisual desde 2013 (Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2018)¹. O predomínio de notícias sobre crimes e suas características específicas devem ser situadas no contexto de uma série de mudanças no ecossistema da mídia local e internacional.

A primeira transformação na produção do noticiário policial/criminal na Argentina está relacionada a uma reorganização geral da mídia. As notícias de

¹ A *Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual* (traduzida neste artigo como Ouvidoria de Comunicação Audiovisual) é um organismo criado pela lei n. 26.55 de Servicios de Comunicación Audiovisual (LSCA), para promover os direitos dos ouvintes e telespectadores. Suas funções incluem a coleta de reclamações do público e relatórios periódicos sobre os conteúdos audiovisuais dos canais de televisão da Cidade de Buenos Aires.

crime na televisão cresceram com a desregulamentação dos serviços de mídia na década de 1990 (Mastrini, 2005). O surgimento e o crescimento da multimídia (Becerra, 2010) fizeram com que uma notícia com as mesmas fontes e abordagem produzida na Cidade de Buenos Aires fosse veiculada em jornais, rádios, televisão e cabo em todo o país. Essa mudança também estava relacionada ao surgimento de canais noticiosos de TV a cabo, que precisavam produzir conteúdo audiovisual com transmissão 24 horas. Como consequência, cada notícia de crime ocorrida na Cidade de Buenos Aires era transmitida ao longo do dia em telas de todo o país.

A segunda transformação foi mais geral, relacionada às mudanças tecnológicas na produção de notícias e seu impacto nas fontes de informação. Sempre houve uma relação estreita entre o jornalismo e as fontes institucionais, especialmente as policiais. Porém, nos últimos anos, as redes sociais e os dispositivos tecnológicos como telefones celulares e câmeras de segurança aumentaram as possibilidades de produção de informações com um tipo de conteúdo diferente, não controlado, ou pelo menos não totalmente, pelas polícias, tribunais ou órgãos governamentais.

Neste artigo, desenvolvemos as características do noticiário policial televisivo na Argentina por meio da seguinte questão: Como as práticas das redações moldam a construção do noticiário policial? A partir dessa questão principal de pesquisa também indagamos: Qual é a posição atual do noticiário policial na televisão argentina? Qual é o processo de seleção de notícias que agrupa essas informações? Quais são as características narrativas atuais? Quais fontes são usadas? Qual é o papel das imagens nesse tipo de notícia?

Os objetivos deste trabalho são delineados como se segue: i. Avaliar a posição do noticiário policial na televisão argentina e os processos de seleção dos editores; ii. Analisar as características das notícias de crime nesse contexto; iii. Identificar as fontes utilizadas na emissão de notícias sobre crimes na televisão e observar os elementos que são priorizados. Argumentamos que as práticas das redações moldam a construção de notícias policiais de duas formas principais: a. a transformação tecnológica, cultural e trabalhista que produz mudanças na produção de notícias sobre o crime; e b. a autolegitimação da mídia como aquela que *sabe* sobre o interesse público com base em ferramentas como avaliações e respostas dos espectadores e que possui *empatia* com o temor dos telespectadores.

O artigo inicia com alguns debates acadêmicos sobre a análise de noticiários policiais. Em seguida, descrevemos nossos métodos de pesquisa. Depois, desenvolvemos os resultados em três subseções: a predominância de notícias policiais; características, conteúdo e rotinas produtivas do noticiário policial; e práticas de uso de fontes e tecnologias digitais. Por fim, apresentamos nossas conclusões, limitações e possíveis desafios futuros.

QUADRO TEÓRICO

O noticiário policial ou criminal apareceu como tema das ciências sociais em meados do século 20 (Baker & Ball, 1969; Davis, 1952), mas consolidou-se na década de 1970, quando o assunto passou a ser central no debate público, principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido (Chibnal, 1975; Cohen, 1975; Graber, 1980; Hall et al., 1975; Van Dijk, 1979).

A análise do crime e da mídia é estudada amplamente sob diferentes perspectivas, principalmente do ponto de vista do efeito sobre as audiências (Gebner & Gross, 1976; Romer et al., 2003; Weitzer & Kubrin, 2004). Os estudos da agenda-setting destacam a capacidade da mídia de tematizar um problema, inseri-lo na discussão pública e torná-lo um tópico relevante (McCombs, 1977; McCombs & Shaw, 1972). Essa perspectiva considera o quanto o crime aparece como uma questão central na agenda noticiosa (Alitavoli & Kaveh, 2018; Lowry et al., 2003), um processo que este artigo irá verificar no noticiário da televisão argentina. As notícias policiais são frequentemente tematizadas com algumas características, como o sensacionalismo, entendido como “aquelas características de conteúdo e formais das mensagens que têm a capacidade de provocar atenção ou respostas excitadas nos telespectadores” (Kleemans & Hendriks Vettehen, 2009, p. 229). As abordagens que examinam o efeito da definição da agenda e do sensacionalismo são interessantes para avaliar o impacto da informação sobre o público e a função do noticiário policial. No entanto, nossa questão de pesquisa não diz respeito aos efeitos ou à conduta derivados do conteúdo das notícias policiais, mas enfatiza as características das notícias audiovisuais sobre crimes e as formas como os telejornais geram esse tipo de informação, na atualidade.

Utilizamos uma perspectiva interpretativa, centrada na análise do discurso do ponto de vista culturalista. Os discursos caracterizam e classificam o mundo que habitamos (Hall, 1992). Os discursos da mídia, especificamente, produzem palavras e imagens para falar, pensar e compreender os problemas sociais como “estruturas de interpretação” (Hall et al., 1978/2013). Do ponto de vista dos estudos culturais, o discurso é uma imagem, ou um conjunto de imagens que pode produzir um sistema de representação, fornecendo um modelo comparativo para compreender a sociedade. Um significado depende sempre da relação e da comparação entre diferentes palavras e produz um tipo de conhecimento relacionado a um tema, no nosso caso, o crime, que é ampliado pela mídia. Como explica Stuart Hall (1978/2013): “Nas sociedades contemporâneas, essas práticas ideológicas, culturais e interpretativas são os territórios primários da imprensa e dos meios de comunicação de massa” (p. xiii). Como explicamos, o crime é uma das principais temáticas da televisão argentina. Em uma situação desse tipo, o discurso da mídia pode ser central para o desenvolvimento de

pânicos morais, o que significa que “uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para se definir como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade” (Cohen, 1972, p. 28).

O conceito de pânico moral (Cohen, 2015; Goode & Ben Yahuda, 1994; Thompson, 1998) pode ajudar a compreender a construção midiática de uma percepção pública relacionada ao desvio e ao crime, e a relação com as fontes, os “definidores primários”. Para explicar o conceito de definidores primários, Hall et al. (1978/2013) consideram a vinculação entre agências públicas e mídia de massa: “No âmbito do noticiário policial, a mídia parece ser mais fortemente dependente das instituições de controle do crime para suas notícias do que em praticamente qualquer outra área” (p. 71), como a polícia e a justiça. No entanto, a ideia de “definidores primários” poderia ser vista como a determinação de um ator (polícia) para outro (mídia) (Mattelart & Neveau, 2004). Consideramos, em vez disso, que a polícia e a justiça são atores centrais na construção social do crime, mas existem algumas complexidades para analisar as fontes e seu contexto que iremos explorar neste artigo. Além disso, o tipo de percepção que pode ser afetado pelas notícias de crime na televisão não está necessariamente relacionado ao pânico como alarme, mas, em qualquer caso, o crime pode ser identificado como um desvio moral, pois trabalharemos aqui com os eventos extraordinários associados ao crime. As notícias de crimes na televisão estão mais relacionadas do que em outras mídias com a característica de volatilidade usada por Goode e Ben Yehuda (1994) como uma das definidoras do pânico moral. Os grandes crimes, os pequenos crimes, a convergência temática de notícias sobre crimes na televisão, funcionam como espirais de significação: “Uma sequência autoamplificadora dentro da área de significação: a atividade ou evento com o qual a significação lida é escalada – elaborada para parecer mais ameaçadora – dentro do curso da própria significação” (Hall et al., 1978/2013, p. 220).

A representação do policiamento e da segurança pública em termos de construção discursiva tem sido observada por diversos estudos locais. Muitos deles mostram mudanças na produção de notícias sobre crimes desde o início da década de 1990 na Argentina e o uso desse tema como um dos principais na agenda da mídia (Arfuch, 1997; Aruguete & Amadeo, 2012; Baquero, 2017; Fernández Pedemonte, 2001; Focás & Galar, 2016; García Beaudoux & D’Adamo, 2007; Lorenc Valcarce, 2005; Martini & Pereyra, 2009; Sánchez, 2014; Tufró, 2017; Vilker, 2008). As notícias policiais na Argentina apresentam certas características, especialmente o aspecto sensacionalista e melodramático, assemelhando-se, em muitas formas, às veiculadas em outros países latino-americanos (Bonilla & Tamayo, 2007; Lara Klar, 2004; Marroquín Parducci, 2007; Molina et al., 2014; Rey, 2005; Rey & Rincón, 2007). Algumas dessas abordagens, assim como outras

produzidas em regiões diferentes, estão centradas na enunciação da imprensa (Cohen & Young, 1978; Howitt, 1998) e na definição do crime e do criminoso. Alguns estudos observam o tema em diferentes meios de comunicação, como o rádio, os jornais e a televisão, mostrando como os crimes violentos tendem a ser comuns na imprensa popular e ignorados nas reportagens dos noticiários de qualidade (Ericson et al., 1991). A imprensa popular tradicionalmente produz informações sensacionalistas, embora em países como a Argentina estudos tenham mostrado que o sensacionalismo não se restringe à imprensa popular, mas toda a mídia o produz, especialmente a televisão (Calzado, 2015; Martini, 2007).

Apesar do crescimento das mídias sociais na última década, a televisão ainda é uma das principais fontes de informação. O último Digital News Report publicado pela Oxford University e pelo Reuters Institute (Newman et al., 2020) mostra que na Argentina as pessoas obtinham suas informações de várias fontes: internet (90%), televisão (77%), jornais impressos (30%) e rádio (24%). A televisão vem atrás da internet, mas está longe de ser obsoleta e mantém uma posição central na transmissão de informações públicas.

Nesse contexto, a mídia noticiosa experimentou formas e métodos de organização inovadores, incorporando diferentes fontes na construção de um caso policial. As notícias criminais eram anteriormente construídas por dados recebidos, sobretudo, de instituições policiais e judiciais, estudadas por meio da indexação ou classificação das fontes oficiais (Calzado & Maggio, 2009; Chibnall, 1977; Lugo-Ocando & Faria Brandão, 2016). Estudos de campo clássicos como os de Hall et al. (1978/2013), Cohen (2015) e Thompson (1998) examinam como o pânico moral é gerado pela mídia por meio dos “definidores primários” e analisam a intervenção de fontes policiais e judiciais nas agendas noticiosas.

Na Argentina, Caimari (2004), Gayol e Kessler (2002) e Saítta (1998) realizaram estudos históricos sobre a mídia impressa e, em alguns casos, transmissões de rádio no início do século XX. Esses trabalhos mostraram os vínculos históricos entre a mídia, a polícia e o judiciário, nesse país, como fornecedores de informação e como fontes que definiram a forma de anunciar e classificar condutas desviantes. Como apresentaremos, hoje podemos notar uma relativa queda das fontes de notícias sobre crimes em relação às ditas privadas e não profissionais (Acosta, 2012).

Parte desse processo mostra um tipo específico de fonte de notícias audiovisuais: imagens capturadas por meio de novas tecnologias definidas como jornalismo cidadão (Di Próspero & Maurello, 2010) e imagens retiradas de redes sociais ou câmeras de segurança. Os desenvolvimentos nas tecnologias de comunicação conduziram a uma mudança rápida e inquietante nas práticas jornalísticas, abrindo novas possibilidades para a produção de notícias e reportagem

(McNair, 2005). Nesse contexto, Machill e Beiler (2009) descrevem como a internet se tornou uma ferramenta fundamental para a pesquisa jornalística. Por meio de observações de jornalistas de mídia impressa, rádio, televisão e mídia on-line, os autores mostram que os procedimentos de pesquisa on-line se integram ao processo geral de pesquisa, indicando como as tecnologias digitais modificaram as rotinas jornalísticas. Embora a pesquisa auxiliada por computador complemente, mas não substitua, a investigação clássica, o processo de determinação da fonte está sendo cada vez mais dominado pelos mecanismos de busca, principalmente o Google. Durante os últimos anos, a crescente presença das mídias móveis e sociais em nossas vidas cotidianas está transformando ainda mais as práticas dos jornalistas, influenciando particularmente o processo de uso de fontes (Deprez & Van Leuven, 2017).

Devido à incorporação dessas fontes de informação, desenvolvemos neste artigo a ideia de *definidor primário ampliado*, onde a tecnologia aparece tanto como competidora quanto impulsionadora das fontes policiais e judiciárias das notícias policiais. A necessidade de analisar notícias de crimes geradas por diferentes modalidades audiovisuais torna-se evidente à luz desse novo cenário para a televisão e sua competição com a informação na internet e os novos dispositivos tecnológicos. Os estudos audiovisuais (Silvera & Natalevich, 2012) e a construção de notícias sobre crimes em reality shows (Barak, 1994; Hewwitt, 1998) foram amplamente observados nos estudos, embora poucos tenham como foco as notícias policiais na televisão pública. Considerando essa escassez e a relevância do gênero noticioso policial na televisão pública argentina, este trabalho busca contribuir com os estudos sobre o jornalismo audiovisual e a forma e o significado do crime em seus noticiários.

MÉTODO

Utilizamos no estudo principalmente duas ferramentas de pesquisa qualitativa: análise de conteúdo e entrevistas. Inicialmente, montamos um corpus de notícias televisivas sobre crimes. Em segundo lugar, realizamos uma série de entrevistas com produtores de notícias e jornalistas com diferentes níveis de experiência nos principais canais noticiosos da Cidade de Buenos Aires. O corpus audiovisual e as entrevistas foram analisados por meio de uma análise do discurso numa perspectiva culturalista, entendendo que a pesquisa nunca é objetiva, mas sempre localizada, o que significa que tanto a análise quanto a interpretação foram informadas por nossas posições sociais particulares, um momento histórico, um contexto social e um contexto cultural específicos (Saukko, 2003). Em seguida, triangulamos (Piovani, 2018; Verd & López, 2008)

essas informações com dados quantitativos sobre noticiário audiovisual, visando integrar os resultados de ambas as abordagens por meio de um método misto.

A análise quantitativa baseou-se nos dados dos relatórios anuais da Ouvidoria de Comunicação Audiovisual, entre 2013 e 2018, que monitoram o conteúdo de todos os programas de televisão veiculados. O objetivo deste artigo é compreender os significados e as características do noticiário policial na televisão, mas precisamos acompanhar o lugar do crime enquanto tema. Para considerar a relevância das notícias sobre crimes na televisão, utilizamos um banco de dados oficial que analisa os temas dos noticiários desde 2013 com um método temático preciso que considera cada tópico de cada noticiário televisivo transmitido da Cidade de Buenos Aires (política, economia, meio ambiente, esportes, entretenimento, crime etc.).²

Em termos de métodos qualitativos, começamos com a análise de conteúdo. Nosso corpus foi composto por gravações de noticiários noturnos veiculados durante a primeira semana de outubro de 2015 pelos cinco principais canais de notícias (públicos e privados) da Cidade de Buenos Aires (América, TV Pública, Canal 9, Telefé e Canal 13). Seleccionamos notícias categorizadas como *crime e polícia* como tema principal (tema 1) e tema secundário (tema 2) de acordo com a classificação da Ouvidoria (Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2018). Para a atribuição de *tema*, ou *tematização*, realizamos um processo que reconstruiu a produção de notícias a partir de uma série de indicadores, como seus critérios de noticiabilidade, as intervenções dos apresentadores de notícias, as manchetes, os textos e as fontes, entre outros³. Os dados analisados incluíram 157 notícias, das quais 98 tiveram as *notícias de crime* como tema principal e 59 como tema secundário. Dois anos depois, durante os primeiros seis meses de 2017, analisamos novamente o noticiário televisivo noturno. A fim de registrar mais de perto regularidades e variações nas transmissões, desenhamos uma ferramenta de registro e análise para controlar nossos achados anteriores com relação às principais variáveis da análise. As observações para o período de 2017 confirmaram os achados de 2015 e a relevância dos resultados deste trabalho.

O processo de monitoramento exigiu a elaboração e uso de uma ferramenta de registro da imagem visual da notícia que incluía as seguintes variáveis de observação sobre o enunciado e o enunciador (Manetti, 2008): temas prioritários, modos de narrar, localização das notícias policiais, mapas do crime, o uso de imagens, as locuções e as tecnologias digitais. Também indagamos o que a mídia fala quando aborda o crime e verificamos os temas das notícias e que tipo de fatos estão incluídos nessa seção. Iniciamos a observação com uma lista de tipos criminais definidos pelo código penal, mas deixando a análise aberta à emergência de outras formas midiáticas de definição do crime⁴.

² A metodologia dos relatórios governamentais está disponível em: Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual (2013).

³ A definição da temática e dos indicadores pode ser consultada na seção metodológica que se encontra em anexo aos relatórios (Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2013).

⁴ As notícias com o tema “crime” foram classificadas de acordo com: roubo, crime organizado/ tráfico de drogas, violência de gênero, homicídio, sequestro e extorsão, feitura de reféns, conflitos interpessoais (brigas de gangues, discussões de trânsito etc.), tráfico humano, fraude, enforcamento e outras.

A fim de entender alguns dos processos de elaboração dessas notícias, entrevistamos produtores, jornalistas e apresentadores dos telejornais. Por meio de uma técnica amostral de bola de neve (Marradi et al., 2018), realizamos 18 entrevistas em profundidade, levando em conta, na medida do possível, a diversidade de papéis dentro da produção de notícias e as diferentes formas de propriedade das emissoras públicas e privadas. Também fizemos 46 conversas informais com produtores musicais, técnicos de som, operadores de câmera e de vídeo, editores e assistentes. As entrevistas e conversas ocorreram majoritariamente nos locais onde as notícias eram produzidas, embora nem sempre isso tenha sido possível devido às práticas mais restritivas de algumas rádios e estúdios de notícias. As entrevistas foram feitas em 2017 – após a conclusão da fase da análise de conteúdo midiático – em estúdios de notícias, escritórios, salas de reuniões dos canais e algumas em bares próximos aos estúdios de televisão.

Utilizamos o método de entrevistas semiestruturadas (Piovani, 2018; Valles, 2000). Foram feitas perguntas sobre a seleção e os valores-notícia, as rotinas de produção, os papéis de diferentes atores na produção de notícias sobre crimes, o uso de tecnologias digitais na produção de notícias, as formas de apresentar notícias policiais, percepção do tipo de espectadores e formas pelas quais a informação foi obtida. Antes e depois das entrevistas, também pudemos observar os estúdios de notícias e até mesmo a veiculação dos telejornais, complementando as entrevistas com anotações de campo. Essas observações permitem registrar as características das rotinas de produção que, por serem demasiado habituais, muitas vezes não são verbalizadas pelos agentes da mídia (Cottle, 2007).

Utilizamos um procedimento de análise do discurso (Vasilachis de Gialdino, 1997) para articular a análise de conteúdo da mídia e as entrevistas a partir de seis categorias definidas por nossos objetivos de pesquisa: i. a localização e a importância das notícias criminais; ii. O processo de seleção de notícias e os critérios de apresentação; iii. o conteúdo das notícias sobre crimes (volatilidade); iv. as estratégias narrativas; v. o processo do uso de fontes e definidores primários; e vi. os usos das tecnologias digitais. Com essas informações, revisamos as espirais de significação relacionadas ao crime, fornecendo ferramentas qualitativas para entender o significado dos dados quantitativos que estipulam que esse é um dos temas centrais nos telejornais na Argentina.

Aqueles que estudam a notícia como construção social concordam que existe uma estrutura convencional do discurso jornalístico (Van Dijk, 1990), que inclui uma série de regras e estratégias em sua composição. Decidimos não produzir um estudo de *newsmaking* centralizado nos *gatekeepers* (Lewin, 1947; Reich & Barnoy, 2020; White, 1950) porque a análise neste artigo articula o conteúdo da

mídia criminal com o ponto de vista dos jornalistas criminais, não se centrando exclusivamente na rotina do trabalho de jornalismo e das organizações de televisão (Golding & Elliot, 1979). É verdade, como explicam Ericson, Baranek e Chan (1991), que “é a organização noticiosa, não os eventos do mundo, que criam as notícias” (p. 345). No entanto, este artigo desenvolve e busca variáveis que nos ajudem a descrever as características do noticiário policial na Argentina em relação a algumas rotinas do jornalismo, com o objetivo de compreender as transformações mais recentes na construção e no significado do noticiário criminal na televisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os objetivos da pesquisa e as categorias analíticas utilizadas neste estudo, apresentamos nossas descobertas em três eixos. Primeiramente, descrevemos a posição do noticiário policial na estrutura dos telejornais argentinos, o processo de seleção de notícias e os critérios de apresentação (categorias i. e ii.), mostrando a proeminência que o noticiário policial adquiriu na televisão argentina. Em segundo lugar, analisamos as características e o conteúdo das notícias sobre crimes, levando em consideração a característica de volatilidade e descrevendo algumas estratégias narrativas (categorias iii. e iv.). Nossos achados neste eixo mostram que o propósito das notícias policiais não é apenas informar, mas também entreter, com as imagens e as práticas editoriais desempenhando um papel central. Finalmente, descrevemos algumas rotinas de produção específicas relacionadas ao processo de uso de fontes, procurando identificar os definidores primários das notícias de crime na televisão e prestando atenção especial aos usos das tecnologias digitais (categorias v. e vi.). Nesse sentido, sugerimos que as tecnologias digitais modificaram as rotinas jornalísticas e as práticas relacionadas às fontes, apontando algumas transformações evidenciadas, nos últimos anos, no contexto local da televisão argentina.

A proeminência das notícias de crime

As notícias sobre crimes tornaram-se proeminentes na mídia argentina desde o final da década de 1990. De informação relativamente sem importância nos jornais e na televisão, converteu-se em notícia central (Martini, 2007), em um processo que um dos jornalistas que entrevistamos explicou assim:

As notícias da televisão sempre estiveram ligadas às notícias policiais?

Não. Algo semelhante aconteceu com os jornais impressos. . . . As notícias de crime não eram tão proeminentes, porque as pessoas não gostavam da linguagem,

não gostavam da polícia. Não pensavam nisso como um crime, mas como uma notícia policial fornecida pela polícia . . . O que aconteceu nesse país nos últimos 30 anos . . . Você pode ver de perto [o crime]. Por quê? Porque a quantidade de crimes na população aumentou. (Apresentador e jornalista policial, Canal 13)

Este apresentador, assim como outros entrevistados, explicou o aumento da quantidade de notícias policiais em função do aumento da criminalidade em meados da década de 1990 e, conseqüentemente, da sensação de perigo na cidade. Mas atualmente, embora não haja um crescimento tangível do crime, a sensação de vitimização permanece estável na Argentina (INDEC, 2018; Kosovsky, 2007; Ministerio de Seguridad de la Nación, 2019).

A ampla representação das notícias policiais e a passagem de uma posição marginal nos telejornais para uma posição central, conforme descrito pelo repórter, têm sido claramente evidenciadas nos relatórios anuais da Ouvidoria de Comunicação Audiovisual de 2013 a 2018. O *Crime* manteve a sua posição entre os dois principais tópicos mais mostrados, tanto pela quantidade quanto pela duração das notícias. Olhando mais de perto, os relatórios mostram que o *Crime* foi o tema predominante em quantidade de notícias em 2013 (23,4%), 2014 (22,8%) e 2017 (28,5%); enquanto ficou em segundo lugar, depois de *Política* em 2015 (22,7%) e 2016 (23,4%). No que diz respeito à duração dos tópicos noticiosos, os itens de *Crime* foram visivelmente mais longos, com quase um terço do tempo de transmissão e o tema geral mais frequentemente apresentado em 2013 (30,5%), 2014 (28%), 2016 (31,3%) e 2017 (39,4%). O único ano em que a *Política* foi mais representada do que o *Crime*, e por mais tempo, foi 2015, provavelmente devido ao contexto das eleições presidenciais, legislativas e locais, mas as notícias de crime ainda mantiveram 30,6% do tempo total de transmissão. Além da posição no ranking, também podemos verificar que a relação desse tema no total de transmissões noticiosas manteve-se estável em quantidade e duração até 2017, quando foi constatado um significativo aumento⁵.

Outro dado interessante, de acordo com o relatório da Ouvidoria de 2013 a 2017, é que a duração média das notícias de crime foi 38% maior do que a duração média dos outros tópicos noticiosos. Enquanto a média dos itens de notícias durou 2:11 minutos, os itens de *crime* duraram 3 minutos. Isso revela não apenas a visibilidade dos itens do crime, mas também a relevância ou importância percebida. Outra característica marcante é o horário de veiculação das notícias. Os telejornais do meio-dia mostram um predomínio do noticiário policial: os relatórios de monitoramento confirmam isso ao longo do quinquênio para todos os canais, com exceção da Televisión Pública (TVP) – único canal estatal da Argentina.

⁵Esse aumento se deve a uma modificação na estrutura do noticiário policial do único canal público da Cidade de Buenos Aires: a Televisión Pública, o canal que mais contribuiu para o posicionamento das notícias de crime (do total de notícias policiais, 23,8% foram veiculadas pelo TVP).

⁶ O tempo total monitorado aumentou apenas 6%.

Os noticiários do horário nobre são os que têm mais telespectadores e há alguma variação entre os diferentes canais. Enquanto América, Canal 9 e Telefé se dedicaram mais às notícias gerais e ao clima, o Canal 13 e a TVP dedicaram mais tempo às notícias policiais. Entre 2013 e 2017, a quantidade de notícias policiais veiculadas nos telejornais aumentou 47%, o que significa que, uma vez que a duração dos telejornais se manteve praticamente inalterada⁶, a quantidade de notícias gerais se reduziu significativamente.

O predomínio das notícias policiais não se evidencia apenas quantitativamente. As formas como o crime é apresentado e a posição que ocupa na estrutura dos telejornais mostram isso claramente. Os itens de notícias sobre crimes tendem a ser agrupados com mais frequência no início do noticiário, especialmente nos canais privados. Não só as notícias criminais eram apresentadas primeiro, mas muitas vezes se prolongavam por vários minutos, ocupando todo o primeiro bloco de notícias e, às vezes, o segundo bloco. Os telejornais da TVP foram a exceção até 2017. Embora, antes deste ano, os noticiários da TVP dessem pouco espaço às notícias policiais, desde 2017 as notícias sobre crimes tornaram-se tão predominantes quanto nos canais de televisão privados e 25% de todas as notícias sobre crimes foram transmitidas pelo canal público (Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2018).

Analisando os critérios de produção e apresentação, identificamos duas formas de agrupar as notícias. Chamamos o primeiro tipo de *notícias em cadeia*, o que significa a apresentação de um conjunto de itens consecutivamente. Os itens agrupados em uma cadeia compartilham certas características, como o uso de fontes visuais comuns, locuções, duração semelhante e música uniforme. A cadeia geralmente assume duas formas: uma cadeia total, em que todas as notícias incluídas têm o mesmo tema; ou uma cadeia parcial, na qual as notícias policiais são predominantes, mas intercaladas com outros tópicos. A cadeia pode ser curta, com duas ou três notícias, ou estendida, com quatro ou mais notícias. Em segundo lugar, identificamos outro tipo de agrupamento noticioso que denominamos *notícia em bloco*, ou seja, a apresentação de diferentes itens em torno de uma mesma ocorrência, mostrando diferentes aspectos ou perspectivas. Por exemplo, uma notícia sobre um assalto a banco pode levar a um item que mostre ocorrências semelhantes nos últimos meses ou anos, e até mesmo um terceiro no qual especialistas examinam características específicas desse tipo de crime.

As notícias em *cadeia* e em *bloco* são métodos de estruturação do noticiário e são usadas para destacar o que é considerado importante. No primeiro caso, uma notícia policial não se dilui ao ser colocada com outras semelhantes, mas é fortalecida ao fazer parte de um agrupamento. No segundo, a notícia do crime

é fortalecida pela diversidade de perspectivas e pelo tratamento prolongado dos jornalistas sobre a ocorrência.

Por fim, outro aspecto que evidencia a centralidade dada ao noticiário policial é a repetição de matérias dentro do noticiário. Depois de falar sobre de uma matéria no primeiro bloco, ela é repetida no segundo ou em blocos seguintes. Em alguns casos, ocorre uma atualização, em outros, as mesmas informações se repetem. Vemos aqui não tanto um bloco de notícias, mas sim um tratamento prolongado das notícias policiais, que se apresentam em diferentes blocos do telejornal de forma contínua ou interrompida.

Em resumo, tanto a análise do conteúdo noticioso quanto do processo de seleção das notícias e dos critérios de apresentação descritos pelos jornalistas e produtores entrevistados revelam uma tendência de o crime dominar o noticiário. Por um lado, podemos constatar o destaque do noticiário policial e, por outro, as notícias desse tipo aparecem em mais de um tópico, são apresentadas como uma espécie de matriz que pode invadir as notícias não policiais. É esse aspecto da volatilidade que examinaremos com mais profundidade a seguir.

Características, conteúdos e rotinas de produção das notícias policiais

As notícias policiais vão além do crime. Longe de apenas relatar um crime, a informação tende a mostrar e entreter. A chave, mais do que o fato em si, é a imagem como centro da informação audiovisual: se não há imagem, não há notícia. Em outras palavras, a notícia é algo que pode ser deduzido e pode ser gerado a partir dessa imagem. “Na televisão, o que não se mostra, não existe. É por isso que você precisa de uma boa imagem, muitas vezes uma boa imagem conta a história, você acompanha essa imagem”, explicou um dos jornalistas policiais entrevistados (Telefé). O poder da imagem molda a lógica da tematização da notícia e constitui um elemento central nos índices de audiência.

As imagens têm valor, que são os índices de audiência, as imagens valem esses números e esses números valem muito dinheiro. Então, uso uma imagem trivial que me dá 2,4 pontos na televisão a cabo e 6,4 na televisão aberta, por exemplo, e a imagem trivial para mim é tudo. (Apresentador e jornalista policial, Canal 13)

A matriz de observação utilizada para analisar os conteúdos contém uma série de subtópicos que organizam as notícias dentro do tema das notícias policiais. No entanto, um dado interessante emergiu de um tipo de notícia desse tipo que não havia sido incluído na matriz: o estranho e o inusitado. Essa é provavelmente uma das maiores novidades na produção do noticiário policial

televisivo: pequenas ocorrências, não necessariamente relacionadas a um tipo de crime de qualquer magnitude, que são descritas como inusitadas, estranhas, bizarras, fora do comum. A cobertura noticiosa vincula esses casos de alguma forma a algo desviante ou arriscado e, a partir daí, a ocorrência é tematizada como uma notícia policial; portanto, o gênero sofreu uma mutação e agora inclui algo que chamamos de *notícias policiais pitorescas*. Por exemplo, a história de um homem que adormeceu dentro de seu carro por estar bêbado foi apresentada como *estranha*, pois as pessoas não conseguiam acordá-lo, e o *risco* era para a sua própria vida e, talvez, a de outros. Claro, a matéria só é possível porque há uma imagem disponível. O aspecto volátil das notícias policiais tende a crescer hoje em dia com pequenos fatos visuais, introduzindo diferentes tipos de notícias policiais todos os dias que desaparecem tão rapidamente quanto um novo crime grande ou pequeno aparece na tela.

Esses tipos de imagens dão às notícias policiais uma sensação de drama, usando diferentes tipos de ferramentas antigas, novas e diferentes. Hoje em dia, os telejornais fazem um *show* por meio de telas como quadros-negros, nos quais apresentam dados relativos ao contexto e às estatísticas; ou são usados para contar a história como uma sequência de eventos; ou fazendo a narrativa geográfica por meio de mapas. A cena ou encenação da notícia, juntamente com o uso de imagens (por exemplo de armas ou drogas), bem como a reconstrução em estúdio com comentários de especialistas, mostram que as notícias de crime procuram não só informar, mas também entreter. Esse tipo de procedimento desenvolve uma característica do infoentretenimento, a tendência da mídia em apresentar a informação como um espetáculo para prender o telespectador e mantê-lo assistindo ao programa (Berrocal et al., 2014).

A cobertura utiliza até elementos de ficção como edição de imagens, locuções e música incidental (o que reforça o tom que o telejornal quer dar à história: ação, suspense, medo, humor). Como resultado, a notícia policial é narrada como se fosse um filme de ação, com mistério, drama e até comédia para gerar uma *notícia policial pitoresca*.

Os telejornais também utilizam outras estratégias como a exibição de objetos e lugares; e mais importante, especulam sobre o que poderia ter acontecido, dando assim alguma forma de realidade a eventos que não aconteceram de fato. Além disso, a presença de um especialista com conhecimento de uma disciplina ou tema reforça a opinião legítima sobre uma situação (Dodier, 2009). Dessa forma, o *show* da notícia policial colabora com a narrativa.

Essa combinação de procedimentos tem como consequência magnificar as notícias policiais. Um evento menor de baixo impacto e pouca relevância social torna-se mais importante ao enfatizar elementos hipotéticos e divertidos

em sua descrição. Desse modo, o processo de produção noticiosa foi alterado; tradicionalmente a produção de notícias começava com um evento (Rodrigo Alsina, 1989/2005), agora começa com as diferentes possibilidades de acesso a ele, por exemplo, por meio de câmeras de segurança, mensagens em redes sociais e outros materiais audiovisuais.

A cobertura desses eventos incomuns não é rara. O roubo de plantas de um canteiro de um bloco de apartamentos na cidade de Buenos Aires é narrado em nosso corpus acompanhado por piadas e risos, a partir de imagens de câmeras de segurança que registraram o ocorrido. O noticiário continua com uma série de outros “roubos incomuns e incríveis” de plantas, cachorros e canis. O furto é caracterizado como algo que acontece todos os dias, que qualquer um pode cometer, até um conhecido ou vizinho. No entanto, o acontecimento é representado como uma “tentação”, ao mesmo tempo que o apresentador o descreve como algo extraordinário: “Existem ladrões de toda a espécie: os astutos, os violentos e os bizarros”, é o comentário do apresentador enquanto as imagens são mostradas (América TV).

As notícias sobre eventos em que nenhuma lei foi infringida, mas que são tematizados como *notícias de crime*, constituem outra nova e regular aparição nos noticiários, no que chamamos de *narração ampliada*. Esse tipo de notícia tende a transmitir uma mensagem de alarme, embora o crime real tenha sido relativamente trivial, ou até se talvez nenhum crime tenha sido cometido. Os noticiários apresentam uma não notícia sobre uma não ocorrência e realizam uma espécie de clarividência por meio de longos debates sobre o que poderia ter acontecido se um crime tivesse realmente sido cometido.

Nada ocorreu, mas algo poderia acontecer ou ter acontecido. O uso narrativo do condicional se consubstancia nessa nova narrativa jornalística, porque esse tipo de notícia se constrói a partir do hipotético, sobre o que não aconteceu, distanciando-se de um dos requisitos primários do jornalismo: um acontecimento ocorre (Clauso, 2007; Martini & Lucchesi, 2004; Rodrigo Alsina, 1989/2005). Os casos são apresentados em termos de risco futuro e abordados como se o não acontecimento realmente tivesse acontecido. Produz-se um duplo processo que não só torna o possível real (como quando os apresentadores supõem que um inocente seria, sem dúvida, roubado), mas também generaliza os riscos, identificando o telespectador como uma vítima potencial (quando os jornalistas afirmaram que poderia acontecer a qualquer pessoa). Ao espalhar boatos, o medo e o risco tornam-se notícias diárias urgentes.

Um dos efeitos desse tipo de notícia é fortalecer a sensação de vitimização. O interlocutor primário é, em geral, o cidadão e o semelhante que se encontram em situação de risco. O telespectador não é somente informado pelas notícias,

mas também alertado sobre potenciais ameaças. Os apresentadores de notícias policiais frequentemente se dirigem ao telespectador pessoalmente. “Tenha muito cuidado”, alertam. O anúncio aconselha o público a ter cuidado com o perigo porque “qualquer um pode ser um ladrão”, mesmo “um vizinho” ou alguém que se conhece “a vida toda”, como alertou um apresentador de um canal privado. Paralelamente a essa configuração da vítima, o noticiário policial dá espaço a conselhos de prevenção, geralmente no final do programa, na forma de uma série de aconselhamentos de especialistas aos telespectadores. Dessa forma, a notícia funciona como uma espécie de manual de comportamento que o telespectador deve adotar para não se tornar vítima.

Práticas de uso de fontes e tecnologias digitais

A análise de conteúdo e as entrevistas mostram um achado relacionado ao que chamamos de relativo *deslizamento das fontes das notícias policiais*. A clássica relação entre polícia, judiciário (como definidores primários das notícias) e jornalismo policial (Calzado & Maggio, 2009) não desaparece, mas podemos observar dois fatores que a modificam. A primeira diz respeito à imagem negativa das instituições ligadas às políticas voltadas ao crime (polícia, judiciário, instituições governamentais, forças de segurança), o que parece diminuir a importância das fontes oficiais e favorecer o surgimento de novas fontes, pelo menos em determinados momentos (Corbacho et al., 2015). Assim, é dada prioridade aos depoimentos de cidadãos comuns que testemunham ou estão próximos do acontecimento, vizinhos que podem dar pormenores do que ocorreu. A voz das vítimas e dos vizinhos é elevada acima da de um policial.

Mesmo quando a fonte é uma instituição oficial, os noticiários tendem a evitar a identificação da origem das informações. A redação pega as informações, assume a propriedade delas e não explica de onde as informações vieram, o que faz com que um número decrescente de fontes identificáveis seja registrado ao longo do tempo. Enquanto em 2013 a relação era de 1,12 (em que 1 significa uma fonte para cada notícia), em 2017 este valor desceu para 0,82 (Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2018). Como há menos de uma fonte por matéria noticiosa, isso significa que algumas notícias não têm fontes (declaradas). Estes dados são especialmente relevantes para notícias policiais: entre 2013 e 2017, 36,5% das notícias foram veiculadas sem fontes (Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2018). Essa tendência pode ser explicada pela falta de legitimidade das instituições responsáveis pela aplicação da lei, porém o uso de novas tecnologias (celulares, redes sociais, câmeras de segurança) como novas fontes também poderiam explicar parcialmente esse fenômeno.

A capacidade das tecnologias digitais para gerar conteúdo noticioso diferente das agências formais é o segundo fator que identificamos que modifica o processo de uso de fontes. Conforme afirmado pela pesquisa em jornalismo, as tecnologias digitais modificam não apenas as rotinas jornalísticas, como o processo de pesquisa ou as práticas de uso de fontes, mas também a forma de relatar uma matéria:

O jornalismo tornou-se parte de uma cultura mais ampla de factualidade, com o que me refiro ao fascínio crescente de nossas sociedades pelo real e pelo verdadeiro (em oposição ao imaginário e ao ficcional). As culturas emergentes de factualidade são vistas na explosão de reality shows, programas de transformação e outras formas de mídia nas quais as fronteiras tradicionais entre notícias e opinião, educação e entretenimento, objetividade e subjetividade, distanciamento e compromisso, reportagem e reconstrução são erodidas. (McNair, 2005, p. 27)

Os jornalistas contam histórias, mas, ao contrário dos romancistas ou historiadores, as histórias no jornalismo são apresentadas ao público como factuais. Assim, pretendendo apresentar “instantâneos do real” (McNair, 2005, p. 30), tecnologias como os sistemas de televisão de circuito fechado, smartphones e mídias sociais trazem ao jornalista a possibilidade de contar histórias a partir de imagens *reais*.

Nesse sentido, observamos que os produtores e jornalistas de televisão argentinos, ávidos por mais conteúdos (e atualização dos acontecimentos já transmitidos), buscam o maior número possível de fontes multimídia. Em primeiro lugar, as câmeras de segurança parecem funcionar como uma fonte per se, as imagens são provenientes principalmente da polícia ou de outras instituições criminais. Muitas imagens são aquelas a que o jornalista tem acesso e, em casos criminais, às vezes são oferecidas pelas forças de segurança. Outras são simplesmente imagens de câmeras privadas fornecidas por vizinhos, associações de bairro ou empresas privadas.

Conforme explicou um dos trabalhadores de televisão entrevistados, o procedimento de uso das fontes é caracterizado por dois ideais: “O primeiro ideal é sempre conseguir uma testemunha e o segundo é obter uma imagem, por exemplo, gravações de câmeras de segurança. Às vezes você apoia o testemunho com uma foto, um vídeo, o que faz a combinação perfeita” (jornalista, Canal 13). A utilização de novas tecnologias para a geração de conteúdos também produz uma diversificação do material audiovisual e não depende necessariamente da presença de um jornalista na cena do crime. Os produtores de telejornais descrevem a busca por imagens como uma rotina: “Geralmente, quando acontece alguma coisa, envio um jornalista de campo para o local e digo

‘procure um vídeo’. Isso significa procurar uma câmera de segurança, perguntar aos vizinhos” (produtor, Canal 13).

A outra fonte importante, além das câmeras de segurança, é o uso de telefones celulares. O fato de que as imagens muitas vezes são imperfeitas, borradas ou interrompidas por pessoas ou objetos que cruzam na frente do assunto reforça a ideia de ser *real*, de que *realmente aconteceu* no aqui e agora da notícia. Essas fontes são sintomáticas de uma nova abordagem jornalística que se intensificou nos últimos anos, o jornalismo cidadão. Os apresentadores pedem aos telespectadores que enviem imagens do evento produzidas por eles. Essas imagens tendem a ser fragmentos curtos, que se repetem muitas vezes para enfatizar a importância desse tipo de testemunho audiovisual. Muitas vezes, esse tipo de conteúdo já havia se tornado viral nas redes sociais antes de ser incorporado ao telejornal ou aos jornais on-line. Vemos, portanto, uma proliferação de *pessoas comuns* produzindo fotos e vídeos de eventos feitos em câmeras de telefones celulares e outros dispositivos (Yar, 2012, p. 2) à medida que os sujeitos são transformados em produtores de representações geradas por eles mesmos.

As redes sociais funcionam como um canal de acesso às fontes primárias. Em muitos casos, permite um caminho direto para as declarações dos personagens centrais, rastreando seus comentários no Twitter ou Facebook. Já que essa rapidez de acesso seria impossível pelos métodos tradicionais, as redes sociais tornaram-se a abordagem mais direta e imediata. As redes sociais, e particularmente o YouTube, permitem que vídeos construídos pelos telejornais se tornem virais junto com certo grupo de comentários ou análises de jornalistas ou especialistas. Os comentários sobre eventos semelhantes em outras regiões, países ou continentes também podem ser incorporados ao vídeo (sem perder o sabor local predominante). As redes sociais mais associadas à reprodução de fotos, como Facebook e Instagram, parecem funcionar como arquivos onde são inseridas imagens pessoais da vida privada e que servem para ilustrar notícias policiais, por exemplo, mostrando fotos dos envolvidos, anteriores ao caso do crime.

Em suma, o acesso ao material audiovisual (câmeras de segurança, câmeras móveis e redes sociais) abre uma nova forma de relatar os fatos, uma estética do “real” que simula mostrar *a própria vida* nas telas. Como produtos midiáticos, a construção dessas imagens tenta mostrar “uma estética da objetividade” (Gates, 2013, p. 243). Por exemplo, no caso de câmeras de segurança, a apresentação é baseada no uso do vídeo como evidência, e qualquer construção intencional tende a ser encoberta. Em termos estéticos, a videovigilância passou a fazer parte da cultura contemporânea (Groombridge, 2002; Lyon, 2018) devido à incorporação de câmeras de segurança para narrar notícias de crimes no que tem sido chamado de “retórica da vigilância” (Kammerer, 2004, p. 466). As câmeras

de segurança, os telefones celulares e as redes sociais tornaram-se fontes que narram os crimes urbanos. Os noticiários policiais na televisão apresentam múltiplas pequenas histórias, cuja autenticidade está fortemente ancorada nas imagens desses dispositivos tecnológicos no que Kammerer (2012) chama de “*reality television*”, tentando mostrar “a vida como ela é”, uma vez que é baseada em pessoas, emoções ou eventos que são não ficcionais (p. 103).

Por fim, nossas descobertas (Tabela 1) mostram que as informações produzidas por essas novas ferramentas digitais tendem a disponibilizar imagens que permitem que pequenos eventos apareçam como notícias televisivas. Em outras palavras, essas tecnologias permitem que alguns eventos se tornem notícias, o que não seria nem mesmo imaginável sem essas imagens. Em alguns casos, esses conteúdos visuais ocupam uma posição de destaque no telejornal. Uma situação que nos leva a olhar para a tensão atual provocada pela dramatização do noticiário policial: entre a escolha de notícias relevantes e às vezes mais difíceis de ter acesso, ou situações triviais com material audiovisual disponível (Baquerín de Riccitelli, 2008). Nesse ponto, os noticiários enfatizam a ideia de apresentar uma notícia exclusiva aos telespectadores, em vez de perseguir uma notícia relevante ou um tema preexistente.

Tabela 1

Achados

Eixo	Categoria	Achados
Estrutura dos telejornais	- Tempo dedicado às notícias policiais	Predominância das notícias policiais
	- Localização de notícias de crime	Bloco de notícias
	- Critérios de seleção e apresentação de notícias	Cadeia notícias
Características e conteúdo das notícias policiais	- Conteúdo de notícias policiais (volatilidade)	Notícias policiais pitorescas
	- Estratégias narrativas	Extended narration
		O poder das imagens
		Crime como infoentretenimento
	- Práticas editoriais	Ampliação das notícias de crime Conselhos de prevenção
Rotinas produtivas	- Processo de uso de fontes	Definidores primários ampliados
	- Definidores primários	Deslizamento relativo das fontes de notícias policiais
	- Usos de tecnologias digitais	Estética da objetividade
		Imagens “reais” ou Imagens do real

CONCLUSÕES

O artigo apresenta uma análise sobre as formas de construção de notícias policiais na televisão argentina. Usando dados de monitoramento de telejornais na Cidade de Buenos Aires, análise de conteúdo, bem como entrevistas com empregados de televisão, identificamos certas regularidades na construção de notícias criminais.

Nesse contexto, pudemos observar algumas formas pelas quais o noticiário policial ganha forma, sendo veiculado e, posteriormente, elaboramos novas categorias que buscam contribuir para o campo de estudo do noticiário em geral e do noticiário policial em particular: notícias em cadeia, notícias em bloco, narração ampliada, notícias policiais pitorescas, estética de objetividade e definidor primário ampliado.

Descrevemos em nosso terceiro achado como algumas notícias específicas são geralmente construídas a partir de imagens de câmeras de segurança e outros dispositivos comuns, como telefones celulares e redes sociais. A frequência com que essas imagens são incorporadas às notícias policiais estimulou uma investigação mais aprofundada sobre o conteúdo específico desse material audiovisual. Descobrimos que a maior parte desse tipo de material (mas não todo) é incorporada às notícias de crime. O processo tradicional de obtenção de notícias sobre crimes tem instituições oficiais (especialmente a polícia) como definidores primários; mas agora identificamos um número crescente de fontes não institucionais que geralmente não são explícitas. Há notícias, imagens ou conteúdos que são transmitidos mesmo sem mencionar quem os fez ou distribuiu. Na verdade, em muitos casos, as imagens são simplesmente retiradas da internet sem identificação de autoria. Observamos, nesse processo, um definidor primário ampliado: as tecnologias introduzem um novo tipo de fonte de notícias sobre crimes e, simultaneamente, modificam a relação dos jornalistas com a polícia e o judiciário. A competição por audiência e exclusividade envolve uma busca permanente por materiais visualmente atrativos, tanto de fontes institucionais quanto não tradicionais, o que vem transformando o processo de produção dos telejornais. Além disso, a elasticidade das notícias policiais, capazes de possuir elementos de informação geral, pode explicar a prevalência de notícias desse tipo veiculadas na Cidade de Buenos Aires.

No entanto, deve-se destacar que os processos delineados acima na construção formal dos telejornais fazem parte de processos sociais e culturais mais amplos, que estão relacionados à produção de notícias policiais, mas também às demandas dos telespectadores e da linha editorial dos canais públicos e privados. Também é claro que o conteúdo da produção de notícias sobre crimes pelas empresas de mídia é condicionado por contextos geográficos, sociopolíticos e

culturais. Este trabalho enfatiza uma análise do contexto local, embora algumas comparações tenham sido feitas com outras regiões.

Simultaneamente, estudamos o conteúdo e a rotina de produção das notícias policiais. Embora esses processos devam ser entendidos como parte de uma rede de significados sociais mais amplos, pudemos revisar as espirais de significação relacionadas ao crime, fornecendo ferramentas para entender a proeminência do noticiário policial na televisão argentina. Por fim, consideramos que nossos achados podem ser reforçados por futuras pesquisas sobre a recepção de notícias policiais pelos telespectadores, o que justifica nossas próximas investigações. ■

REFERÊNCIAS

- Acosta, R. (2012). El papel de las fuentes de la comunicación periodística en la construcción social de la realidad. In C. Arrueta & M. Brunet (Eds.), *Fuentes confiables: Miradas latinoamericanas sobre periodismo* (pp. 166-188). DASS-UCSE.
- Alitavoli, R., Kaveh, E. (2018). The U.S. media's effect on public's crime expectations: A cycle of cultivation and agenda-setting theory. *Societies*, 8(3), 58, 1-9. <https://doi.org/10.3390/soc8030058>
- Arfuch, L. (1997). *Crímenes y pecados. De los jóvenes en la crónica policial*. UNICEF.
- Aruguete, N., & Amadeo, B. (2012). Encuadrando el delito: pánico moral en los periódicos argentinos. *América Latina Hoy*, 62, 177-196. <https://bit.ly/3uj9U1Z>
- Baker, R. K., & Ball, D. (Eds.). (1969). *Mass media and violence. A staff report to the national commission on the causes and prevention of violence* (Vol. 9). Govt. Printing Office.
- Baquerín de Riccitelli, M. (2008). *Los medios, ¿aliados o enemigos del público?* EDUCA.
- Baquero, R. (2017). "El crimen de Brian". La legitimación de la baja en la edad de imputabilidad en el discurso del diario *Clarín*. *Question*, 1(56), 1-17. <https://doi.org/10.24215/16696581e004>
- Barak, G. (1994). *Media, process, and the social construction of crime: Studies in newsmaking criminology*. Garland Pub.
- Becerra, M. (2010). Las noticias van al mercado: Etapas de intermediación de lo público en la historia de los medios de la Argentina. In G. Lugones & J. Flores (Eds.), *Intérpretes e interpretaciones de la Argentina en el bicentenario* (pp. 139-165). Universidad Nacional de Quilmes.
- Berrocal, S., Redondo García, M., Martín Jiménez, V., & Campos Domínguez, E. (2014). La presencia del infoentretenimiento en los canales generalistas de la TDT española. *Revista Latina de Comunicación Social*, 69, 85-103. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2014-1002>

- Bonilla Velez, J., & Tamayo Gómez, C. (2007). *Los medios en las violencias y las violencias en los medios*. CINEP.
- Caimari, L. (2004). *Apenas un delincuente*. Siglo XXI.
- Calzado, M. (2015). *Inseguros. El rol de los medios y la respuesta política frente a la violencia*. Aguilar.
- Calzado, M. & Maggio, N. (2009). "A veces pasa como si uno dijera llueve". La naturalización mediática de la muerte de delincuentes en enfrentamientos con la policía. In A. Daroqui (Ed.), *Muertes silenciadas: La eliminación de los "delincuentes". Una mirada sobre las prácticas y los discursos de los medios de comunicación, policía y la justicia* (pp. 52-100). Centro Cultural de la Cooperación.
- Chibnall, S. (1975). The crime reporter: A study in the production of commercial knowledge, *Sociology*, 9(1), 49-66. <https://doi.org/10.1177/003803857500900103>
- Chibnall, S. (1977). *Law-and-order news. An analysis of crime reporting in the British press*. Tavistock Publications.
- Clauso, R. (2007). *Cómo se construyen las noticias*. La Crujía.
- Cohen, S. (1975). A comparison of crime coverage in Detroit and Atlanta newspapers. *Journalism Quarterly*, 52(4), 726-730. <https://doi.org/10.1177/107769907505200418>
- Cohen, S. (2015). *Demonios populares y pánicos morales*. Gedisa.
- Cohen, S. & Young, J. (1978). *The manufacture of news*. Constable.
- Corbacho, A., Philipp J., & Ruiz-Vega, M. (2015). Crime and erosion of trust: Evidence from Latin America. *World Development*, 70, 400-415. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2014.04.013>
- Cottle, S. (2007). Ethnography and news production: New(s) developments in the field. *Sociology Compass*, 1(1), 1-16. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2007.00002.x>
- Davis, J. (1952). Crime news in Colorado newspapers, *American Journal of Sociology*, 57, 4. <https://doi.org/10.1086/220967>
- Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual. (2013). *Monitoreo de Programas Noticiosos de Canales de Aire de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires: "¿Qué es la 'noticia' en los noticieros?"* [Documento metodológico]. <https://bit.ly/3t4xrTt>
- Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual. (2018). *Informe: 5 años de Monitoreo de Noticias (2013-2017)*. <https://bit.ly/3e3ibC6>
- Deprez, A., & Van Leuven, S. (2017). About pseudo quarrels and trustworthiness. *Journalism Studies*, 19(9), 1257-1274. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1266910>
- Di Próspero, C., & Maurello, M. E. (2010). Los periodistas y las nuevas tecnologías. In L. Luchessi (Comp.), *Nuevos escenarios detrás de las noticias* (pp. 51-71) La Crujía.

- Dodier, N. (2009). Experts et victimes face à fase. In S. Lefranc & L. Mathieu (Eds.), *Mobilisations de victimes* (pp. 29-36). Universitaires de Rennes.
- Ericson, R., Baranek, P., & Chan, J. (1991). *Representing order: Crime, law, and justice in the news media*. University of Toronto.
- Fernández Pedemonte, D. (2001). *La violencia del relato*. La Crujía.
- Focás, B. & Galar, S. (2016). Inseguridad y medios de comunicación (2010-2015). *Delito y Sociedad*, 25(41), 59-76. <https://doi.org/10.14409/dys.v1i41.6198>
- Ford, A. (1994). Los medios, las coartadas del new order y la casuística. *Revista de Ciencias Sociales*, 31, 51-63. <https://bit.ly/3u63OCE>
- García Beaudoux, V., & D'Adamo, O. (2007). Tratamiento del delito y la violencia en la prensa. In L. Luchessi & M. Rodríguez (Eds.), *Fronteras globales, cultura, política y medios de comunicación* (pp.169-185). La Crujía.
- Gates, K. (2013). The cultural labor of surveillance: Video forensics, computational objectivity, and the production of visual evidence. *Social Semiotics*, 23(2), 242-261. <https://doi.org/10.1080/10350330.2013.777593>
- Gayol, S., & Kessler, G. (2002) *Violencias, delitos y justicias en la Argentina*. Manantial.
- Gebner, G., & Gross, L. (1976). The scary world of TV's heavy viewer. *Psychology today*, 9(11), 41-45. <https://bit.ly/3feUmI8>
- Golding, P., & Elliot, P. (1979). *Making the news*. Longman.
- Goode, E., & Ben Yehuda, N. (1994). *Moral panics: The social construction of deviance*. Blackwell.
- Graber, D. A. (1980). *Crime news and the public*. Praeger.
- Groombridge, N. (2002). Crime control or crime culture TV? *Surveillance & Society*, 1(1), 30-46. <https://doi.org/10.24908/ss.v1i1.3392>
- Hall, S., Roberts, B., Clarke, J., Jefferson, T., & Critcher, C. (1975). *Newsmaking and crime*. CCCS.
- Hall, S., Roberts, B.; Clarke, J., Jefferson, T. & Critcher, C. (2003). *Policing the crisis: Mugging, the state and law and order*. McMillan. (Obra original publicada em 1978)
- Howitt, D. (1998). *Crime, the media and the law*. Wiley.
- INDEC (2018). *Encuesta Nacional de Victimización 2017*. Instituto Nacional de Estadística y Censos.
- Kammerer, D. (2004). Video surveillance in Hollywood movies. *Surveillance & Society*, 2(2/3), 464-473. <https://doi.org/10.24908/ss.v2i2/3.3389>
- Kammerer, D. (2012). Surveillance in literature, film and television. In K. Ball, K. Haggerty, & D. Lyon (Eds.), *Routledge handbook of surveillance studies* (pp. 99-106). Routledge.
- Kessler, G. (2009) *El sentimiento de inseguridad*. Siglo XXI.

- Kleemans, M. & Hendriks Vettehen, P. (2009). Sensationalism in television news: A review. In R. P. Konig, P. W. M. Nelissen, & F. J. M. Huysmans (Eds.), *Meaningful media: Communication research on the social construction of reality* (pp. 226-243). Tandem Felix.
- Kosovsky, D. (2007). Delito y análisis de la información en Argentina. In G. Kaminsky, D. Kosovsky, & G. Kessler, *El delito en la Argentina post-crisis. Aportes para la comprensión de las estadísticas públicas y el desarrollo institucional* (pp. 45-74). Friedrich Ebert Stiftung.
- Lara Klar, M., & Portillo Vargas, J. (2004). *Violencia y medios*. Instituto para la Seguridad y la Democracia.
- Lewin, K. (1947). Frontiers in Group Dynamics: II. Channels of Group Life: Social Planning and Action Research. *Human Relations*, 1(2), 143-153. <https://doi.org/10.1177/001872674700100201>
- Lorenc Valcarce, F. (2005). El trabajo periodístico y los modos de producción de la noticia: El tratamiento de la inseguridad en la prensa argentina. *Question*, 27, 1-22. <https://bit.ly/2SkDnfv>
- Lowry, D., Nio, T., & Leitner, D. (2003). Setting the public fear agenda: A longitudinal analysis of network TV crime reporting, public perceptions of crime, and FBI crime statistics. *Journal of Communication*, 53(1), 61-73. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2003.tb03005.x>
- Lugo-Ocando, J., & Faria Brandão, R. (2016). Stabbing news. Articulating crime statistics in the newsroom, *Journalism Practice*, 10 (6), 715-729. <https://doi.org/10.1080/17512786.2015.1058179>
- Lyon, D. (2018). *The culture of surveillance*. Polity Press.
- Machill, M., & Beiler, M. (2009) The importance of the Internet for journalistic research. *Journalism Studies*, 10(2), 178-203. <https://doi.org/10.1080/14616700802337768>
- Manetti, G. (2008). *L'Enunciazione. Dalla svolta comunicativa ai nuovi media*. Mondadori.
- Marradi, A., Archenti, N., & Piovani, J. (2018), *Manual de metodología de las ciencias sociales*. Siglo XXI.
- Marroquín Parducci, A. (2007). Indiferencias y espantos. Relatos de jóvenes y pandillas en la prensa escrita de Guatemala, El Salvador y Honduras. In G. Rey (Ed.), *Los relatos periodísticos del crimen. Cómo se cuenta el delito en la prensa escrita latinoamericana* (pp. 55-91). FES.
- Martín Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones*. G. Gilli.
- Martini, S., & Luchessi, L. (2004). *Los que hacen la noticia. Periodismo, información y poder*. Biblos.
- Martini, S., & Pereira, M. (2009). *La irrupción del delito en la vida cotidiana*. Biblos.

- Martini, S. (2007). Argentina. Prensa gráfica, delito y seguridad. In. G. Rey (Ed.), *Los relatos periodísticos del crimen*. (pp. 21-54). Centro de Competencia en Comunicación.
- Mastrini, G. (Ed.). (2005). *Mucho ruido y pocas leyes: Economía y políticas de la comunicación en la Argentina 1920-2004*. La Crujía.
- McCombs, M. (1977). Newspapers vs. television: Mass communication effects across time. In D. Shaw & M. McCombs (Eds.), *The emergence of American political issues: The agenda-setting function of the press* (pp. 85-105). Meat Publishing Company.
- McCombs, M., & Shaw, D. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, 36, 176-187. <https://doi.org/10.1086/267990>
- McNair (2005). What is journalism? In de Burgh (Ed.), *Making journalists. Diverse models, global issues* (pp. 25-43). Routledge.
- Ministerio de Seguridad de la Nación (2019). *Estadísticas criminales de la República Argentina. Año 2018*. Dirección del Sistema Nacional de Información Criminal. <https://bit.ly/3nz4AWt>
- Molina, L., Pérez, M., & De La Vega, M. (2014). Un análisis sobre la inseguridad en la prensa. *Discurso y sociedad*, 8, 234- 298. <http://dx.doi.org/10.7764/cdi.45.1492>
- Neveu, E., & Mattelart, A. (2004). *Introducción a los estudios culturales*. Paidós.
- Newman, N., Fletcher, R., Schulz, A., Andi, S., & Nielsen, R. K. (2020). *Reuters Institute Digital News Report 2020*. Reuters Institute for the study of journalism.
- Piovani, J. (2018). La entrevista en profundidad; Triangulación y métodos mixtos. In A. Marradi, N. Archenti, & J. Piovani, *Manual de metodología de las ciencias sociales* (pp. 215-226). Siglo XXI.
- Reich, Z., & Barnoy, A. (2020). How news become “news” in increasingly complex ecosystems: Summarizing almost two decades of newsmaking reconstructions. *Journalism Studies*, 21(7), 966-983. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1716830>
- Rey, G. (2005). *El cuerpo del delito. Representación y narrativas mediáticas de la seguridad ciudadana*. FES.
- Rey, G., & Rincón, O. (2007). *Más allá de víctimas y culpables. Relatos de experiencias en seguridad ciudadana y comunicación*. FES.
- Rodrigo Alsina, M. (2005). *La construcción de la noticia*. Paidós. (Obra original publicada em 1989)
- Romer, D., Jamieson, K., & Aday, S. (2003). Television news and the cultivation of fear of crime. *Journal of Communication*, 53, 88-104. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2003.tb03007.x>
- Saítta, S. (1998). *Regueros de tinta. El diario Crítica en la década de 1920*. Sudamericana.

- Sánchez, M. (2014). Vivir en la inseguridad. *La trama de la comunicación*, 18(1), 135-149. <https://bit.ly/3xA4ORN>
- Saukko, P. (2003). *Doing research in cultural studies: An introduction to classical and new methodological approaches*. Sage.
- Silvera, L., & Natalevich, M. (2012). La crónica policial en los informativos de televisión. *Revista Dixit*, 16, 4-12. <https://doi.org/10.22235/d.v0i16.340>
- Sunkel, G. (1985). *Razón y pasión en la prensa popular*. ILET
- Thompson, J. (1998). *Los media y la modernidad*. Barcelona.
- Tufró, M. (2017). Comunidades del miedo. In S. Martini & M. Pereyra (Eds.), *La noticia hoy*. (pp. 129-142). Imago Mundi.
- Valles, M. (2000). *Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional*. Prometeo.
- Van Dijk, J. (1979). The extent of public information and the nature of public attitudes towards crime. In *Public opinion on crime and criminal justice: Reports presented to the thirteenth criminological research conference (1978)* (Collected studies in criminological research, Vol. 17, pp. 7-42). Council of Europe. <https://bit.ly/332gs9R>
- Vasilachis de Gialdino, I. (1997). *La construcción de representaciones sociales: el discurso político y la prensa escrita*. Gedisa.
- Verd, J., & López, P. (2008) La eficiencia teórica y metodológica de los diseños multimétodo. *Empiria. Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, 16, 13-42. <https://doi.org/10.5944/empiria.16.2008.1388>
- Vilker, S. (2008) *Truculencias. La prensa policial entre el terrorismo de estado y la inseguridad*. Prometeo.
- Weitzer, R., & Kubrin, C. (2004). Breaking news: How local TV news and real-world conditions affect fear of crime. *Justice Quarterly*, 21(3), 497-520. <https://doi.org/10.1080/07418820400095881>
- Withe, D. (1950). The gatekeeper: A case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27(4), 383-390. <https://doi.org/10.1177/107769905002700403>
- Yar, M. (2012). Crime, media and the will-to-representation: Reconsidering relationships in the new media age, *Crime, Media, Culture*, 8(3), 245-260. <https://doi.org/10.1177/1741659012443227>

Artigo recebido em 9 de dezembro de 2019 e aprovado em 23 de fevereiro de 2021.